

Povos Indígenas

Fonte:

O Popular

Data:

03.05.89

Garimpeiros não querem deixar área indígena

Os garimpeiros que já há uma semana vêm ocupando a reserva indígena dos Avá-Canoeiro, explorando ouro às margens do Rio Maranhão, no município de Minaçu, estão resistindo à idéia de deixar a área, mesmo diante da possibilidade da Justiça Federal conceder liminar determinando sua saída imediata, decisão que não foi tomada ontem, como previsto. Alguns das dezenas de homens que invadiram o local a partir de quarta-feira última confessaram inclusive sua pretensão de abandonar temporariamente o rio, com

a chegada da polícia, esconder-se na mata e depois retornar às frentes de extração, afirmou o superintendente regional da Funai, Nivon de Carvalho e Silva.

Tendo em vista a disposição manifestada pelos garimpeiros, "que chegam a mostrar-se agressivos", o Superintendente entrou em contato com a Secretaria do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente de Goiás solicitando apoio da polícia estadual após a limpeza da área, para impedir uma nova invasão. Além disso, enviou também ofício à Polícia Federal,

informando-a da necessidade de sua interferência tão logo saia a decisão judicial garantindo a reintegração de posse. Parte dos mais de 100 homens que estavam na região, trabalhando em uma faixa de seis a oito quilômetros do Rio Maranhão, já abandonou o local assim que tomou conhecimento da ação impetrada na Justiça Federal. Restam agora, segundo Nivon de Carvalho, cerca de 80 garimpeiros, vindos dos Estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Goiás e Tocantins. A intenção de muitos deles é de retirar do solo

quantidade de ouro suficiente para pagar os equipamentos adquiridos e assegurar seus lucros antes de sair.

ÍNDIOS

Da parte dos 13 índios Avá-Canoeiro que vivem na aldeia o clima é de tranquilidade, "pois eles ainda não conseguiram dimensionar o mal que uma invasão de garimpeiros pode lhes causar", acredita o Superintendente Regional da Funai. Arredios até o ano de 1983, os Avá falam precariamente o português, e o sentimento

que mais têm revelado com relação aos novos brancos que surgiram em suas terras é de curiosidade. Apenas o índio Iawí - um dos que assistiu de perto ao massacre de sua tribo na Mata do Café em 1962, quando era ainda um garoto - mostra-se irritado com a presença dos garimpeiros.

Entretanto, a permanência dos homens na área indígena pode acabar significando o extermínio completo dos Avá-Canoeiro, já em acelerado processo de extinção, teme Nivon de Carvalho e Silva. Afinal, alerta, pode surgir daí um

contato pernicioso entre os brancos e os índios recém-contactados, implicando em relações sexuais e transmissão de doenças diversas contra as quais o organismo dos membros da tribo não tem defesa. Por isso, os funcionários da Funai na área estão tentando manter o grupo afastado dos garimpeiros, apesar deles estarem trabalhando a apenas 500 metros do Posto Indígena, em ambas as margens do Rio Maranhão, de onde os Avá retiram alimento para sua sobrevivência.